

BILL CLEGG

Noventa dias

Diário de uma recuperação

Tradução

Pedro Maia Soares



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Bill Clegg
Direitos mundiais reservados a Bill Clegg

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Este livro é uma obra de não ficção. Alguns nomes e descrições foram alterados.

Título original

Ninety Days: A Memoir of Recovery

Capa

Elisa von Randow

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Luciana Baraldi

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Clegg, Bill

Noventa dias: Diário de uma recuperação / Bill Clegg ; tradução Pedro Maia Soares. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: *Ninety Days: A Memoir of Recovery*.

ISBN 978-85-359-2345-2

1. Agentes literários – Estados Unidos – Biografia 2. Clegg, Bill
3. Toxicômanos – Estados Unidos – Biografia 1. Título.

13-10076

CDD-362.29092

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Toxicômanos : Biografia
362.29092

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- Pegue a minha emprestada, 11
Meu lar, 27
Um grãozinho na paisagem urbana, 32
Reentrada, 39
Um dia, 48
As salas, 56
Tesouro de mãe, 68
Útil, 96
Casos perdidos, 103
Deu pra mim, 113
Nuvem cor-de-rosa, 124
Ombro a ombro, 131
Perto, 141
- Agradecimentos*, 151

Pegue a minha emprestada

Parece Oz. É isso que eu penso quando Manhattan entra no meu campo de visão pelo para-brisa do jipe de Dave. As torres aglomeradas cutucam o céu com seus metais e vidros, e na névoa do meio-dia elas parecem distantes, míticas, mais ideia do que lugar. Rodamos no tráfego compacto que se move rapidamente e em uníssono. Há um mês, eu não havia notado a cidade ficando para trás enquanto íamos do hospital Lenox Hill para o centro de reabilitação em White Plains. Não falamos muito naquele dia, nem estamos falando muito agora.

Dave pôs para tocar uma música que não reconheço. Uma garota de voz poluída grita com tanta seriedade quanto ironia, acompanhada por um violão. Ele me diz o nome dela, que parece mais o de uma loja de departamentos do que o de uma pessoa. Ele a compara a outra cantora que não reconheço, e sinto como se tivesse perdido a fluência em uma língua que antes era minha segunda natureza. Entre Lenox Hill e o centro de reabilitação, estive em tratamento por seis semanas, mas parecem anos, e imagino que

durante esse tempo novas bandas vieram e se foram, filmes capturaram a atenção das massas e foram esquecidos, livros provocaram controvérsia ou indiferença, e o ruído de tudo isso desapareceu para dar lugar a novas investidas na loteria cultural. Dave me fala de uma peça que ele e Susie acabaram de ver e sinto-me encolher no banco, ficando do tamanho de um garoto. Mais à frente, Oz se projeta mais alta acima do horizonte.

É início de abril, uma segunda-feira. Estamos indo para o estúdio de trabalho de Dave, na Charles Street, no West Village. Ele me ofereceu o lugar por algumas semanas, enquanto procuro um apartamento para morar. Venho de quatro semanas em um pequeno centro de reabilitação para dependentes de álcool e drogas localizado em um antigo hospício. Dave me levou para lá depois que fui liberado da ala psiquiátrica do Lenox Hill, onde acabei indo parar depois de uma farra de dois meses que terminou em um punhado de pílulas para dormir, uma garrafa de vodca, um cachimbo de crack a ponto de estourar e uma ambulância. A pequena agência literária da qual fui coproprietário e que dirigi por quatro anos acabou, todos os meus clientes encontraram novos agentes, nossos empregados se espalharam por novos empregos ou deixaram Nova York, e todo o dinheiro que eu já tive na vida foi para o ralo, deixando em seu lugar uma dívida crescente de contas de hospital, reabilitação e advogados. O relacionamento de oito anos com meu namorado, Noah, acabou, e o apartamento na Quinta Avenida que sua avó lhe comprou e onde vivemos por seis anos não é mais o meu lar. Posso dormir no escritório de Dave, mas preciso ficar fora de lá entre dez da manhã e cinco da tarde, para que ele possa trabalhar.

A canção muda — a garota fala mais do que canta, o violão agora é um violoncelo — e eu me pergunto o que vou fazer o dia todo, como preencherei as horas, aonde irei.

Tem certeza de que quer fazer isso? Dave pergunta cautelosamente. *Tem certeza de que deveria voltar para cá?* Ele baixa o volume da música e mantém os olhos na estrada enquanto expressa minhas próprias dúvidas. Não tenho certeza de nada. Tenho trinta e quatro anos. Desempregado. Impossibilitado de arranjar emprego na área em que trabalhei por doze anos. Tenho uma montanha de papéis horríveis esperando por mim: o acordo com Kate, minha ex-sócia, para dissolvermos a agência; contas de meus advogados; contas do hospital e formulários de seguro; e-mails e cartas — de ira, de amor, e toda a gama de sentimentos entre esses dois — de amigos, ex-colegas e familiares. O saldo da conta da reabilitação é de pelo menos 40 mil dólares, provavelmente muito mais. Minha irmã Kim, que mora no Maine, além de levar e buscar seus meninos gêmeos na escola, nos passeios e nos treinos de beisebol, assumiu as contas, a contabilidade, o advogado, e nosso plano é examinar tudo a fundo, até a última dificuldade, depois que eu estiver instalado no estúdio de Dave.

Combinei de encontrar meu padrinho, Jack, numa reunião noturna no West Village — *reunião de iniciante* é como ele a descreve. Conheci Jack em meu terceiro ou quarto dia de hospital. Depois de um início duro, marcado pela vergonha, em que eu me recusava a ver ou falar com quem quer que fosse, finalmente concordei em encontrá-lo — amigo de um amigo, da minha idade, cabelos encaracolados, jovial, gay —, e ele se ofereceu para ser meu padrinho, uma espécie de treinador/ grande irmão/ guia, numa irmandade para pessoas com alcoolismo e dependência de drogas. Fiquei sabendo depois, na clínica de reabilitação, que existem muitas irmandades — algumas gratuitas, outras não, a maioria com reuniões organizadas — aonde as pessoas vão em busca de ajuda para se livrar de vícios como o meu. Decidi entrar naquela de que Jack faz parte.

Dave estaciona na frente de um edifício de apartamentos antigo, coberto de hera, na Charles Street, entre a Bleecker e a rua 4 Oeste. Saio do carro e espero na calçada enquanto ele faz um telefonema sentado no banco da frente. Tudo está tranquilo. O ar é úmido e as ruas estão salpicadas pela luz da tarde. Um casal jovem, com maçãs do rosto salientes, passa falando o que parece ser russo em seus celulares. Um carro de bombeiros gême. Um jovem com um cão dinamarquês enorme na guia inclina-se com um saco de plástico na mão para recolher um monte de cocô do elegante animal. *Nova York*, penso. *De volta a Nova York*. Vejo um homem de meia-idade andando sozinho com um fone de ouvido conectado a um fio que desaparece em seu blusão bege. Ele me olha por um tempo longo demais e um pouco sério demais, e um velho pânico familiar lampeja em meu peito. Dave dá a volta no jipe, pega duas sacolas na traseira do carro e rosna: *Vamos, tenho que encontrar Susie*. Apresso-me a ajudá-lo e, quando me viro para olhar para o homem do blusão, ele desapareceu.

Sigo Dave por três lances de uma escada que range demais enquanto ele me conta que a velha do segundo andar, logo abaixo de seu estúdio, é muito sensível, extremamente mal-humorada e o chamará a qualquer hora do dia ou da noite se achar que alguma coisa está errada. Eu me pergunto se essa é a maneira de ele desencorajar qualquer negócio estranho. Uma pequena barricada contra o que ele e todo mundo que faz parte da minha vida teme que vá acontecer agora que voltei para Nova York: uma recaída.

O apartamento é um estúdio bem iluminado, com lareira, pé-direito alto e um pequeno lustre de cristal pendente. Parece o escritório de uma casa velha muito maior e agradável. Os livros de Dave estão perfilados na moldura da lareira e nas prateleiras, e há tapetes antigos espalhados pelo chão. O pequeno sofá marrom

desdobra-se na cama em que vou dormir nas próximas semanas. Dave dá uma explicação rápida sobre assuntos básicos — toalhas, fechaduras, cobertores, janelas complicadas, talheres, copos, máquina de café, chaves — e em seguida vai embora. Eu havia imaginado tomar café com ele em algum lugar das redondezas e ter uma conversa fraterna sobre como tudo vai se resolver — que eu preciso ser corajoso, que posso contar com ele etc. —, mas o que recebo em vez disso é uma ajuda com as sacolas, outra advertência sobre a vizinha de baixo, uma expressão preocupada e um adeus apressado.

O apartamento dá vista para o jardim dos fundos de um palacete. É um oásis minimalista: buxos, deck de teca, espelho d'água. O palacete tem vidraças grandes e claras que emolduram móveis requintados de estilo modernista no segundo piso, e uma geometria limpa de aço inoxidável, mármore, e o que parece ser camurça na cozinha no andar de baixo. Ordem e riqueza emanam do lugar, e mal consigo olhar. Fecho os olhos e só então ouço o som de pássaros canoros. Eles cantam exatamente como os passarinhos que cobriam as árvores perto do campo onde eu caminhava na área do centro de reabilitação. Imagino um grupo deles voando logo acima do jipe de Dave durante todo o nosso trajeto, desde White Plains, pousando agora nos galhos lá fora para chilrear e arrulhar seu encorajamento.

Oi, gente, eu digo e me assusto com o som da minha voz. Obrigado pela festa de boas-vindas, sussurro, e, embora esteja envergonhado com a fantasia das aves me escoltando de volta para Nova York, ainda me sinto feliz com qualquer generosidade — mesmo que inventada — que venha da vegetação lá fora. Deito-me no sofá e escuto.

Os pássaros continuam. Vozes vêm de fora. A geladeira zumbe na pequena cozinha. E de repente caio em mim: estou sozinho. Ninguém além de Dave sabe onde estou. Eu poderia estar fazendo qualquer coisa. Estive internado por semanas, sob o controle de enfermeiras, médicos e conselheiros o tempo inteiro. Não há mais reuniões de manhã, refeições em grupo e fiscalização noturna para ver se estou na cama às dez. Estou sozinho e não preciso dar satisfação a ninguém. E então, como uma brasa morta que ganha vida com um sopro, penso em meus antigos traficantes, Rico e Happy. Lembro-me que devo mil dólares a cada um deles e me pergunto — apesar de tudo o que foi perdido, de todos que sofreram, apesar de tudo — como vou conseguir 2 mil para pagar àqueles caras e poder comprar mais? Começo a examinar cartões de crédito e códigos PIN para ver se consigo adiantamentos em dinheiro. De repente, alguns milhares de dólares parecem ao meu alcance e sinto o despertar daquela velha queimadura, daquela carência hibernante. Imagino o alívio que a primeira dose me trará e logo estou de pé, andando para lá e para cá. *Não, não, não*, repito. *De jeito nenhum*. Essa fissura, depois que começa, é quase impossível de reverter. O que minha mente de viciado imagina, meu corpo de viciado persegue. É como Bruce Banner quando se transforma no Incrível Hulk. Depois que os músculos começam a forçar suas roupas e sua pele se torna verde, ele não tem escolha senão deixar o monstro brotar de dentro de si e desencadear seu estrago inevitável.

Piso numa tábua rangente e me lembro da senhora do andar de baixo. Penso em Dave e em como ele passou a maior parte do dia dirigindo, primeiro até White Plains e depois de volta; em como ele está confiando seu escritório a mim, e como parecia preocupado quando saiu. Olho para o meu relógio. São dez para as quatro e lembro que Jack sugeriu que eu fosse à reunião das quatro, aqui

perto, caso voltasse para a cidade a tempo. *Eu posso chegar lá*, penso, desesperado, referindo-me tanto à reunião como à vida em geral. Pego o molho de chaves de cima da lareira e, tão suavemente quanto possível, desço os três lances ruidosos da escada e saio depressa para a rua.

Quando chego à reunião, ela está lotada e tenho de abrir caminho entre as pessoas para garantir o que parece ser o último lugar vago. Sento-me contra uma parede pintada de azul-esverdeado e nesse instante vejo Jack. Ele está sentado num banco do outro lado, bem em frente ao meu, com um grande sorriso do tipo que-bom-que-você-conseguiu-vir. Deveríamos nos encontrar só depois, mas ele me surpreendeu ao aparecer na minha primeira reunião de volta à cidade. *Bem-vindo*, ele sussurra com ar sério enquanto as luzes diminuem e a reunião começa.

Encontrei Jack apenas três vezes — duas no Lenox Hill e uma na minha última semana no centro de reabilitação, quando saímos para uma longa caminhada, sentamos em um gazebo branco e ouvimos o conselheiro-chefe dizer que acreditava que eu era alguém capaz de conseguir, alguém que ele não via em recaída. Jack é crítico de música e mora na cidade com seu namorado. Ele não era viciado em crack, mas sua história com drogas e álcool me faz lembrar a minha, e toda vez que acho que contei alguma coisa constrangedora ou vergonhosa demais, ele rapidamente conta uma história que me lembra de que já afundamos até as mesmas profundidades. Eu sempre preciso me lembrar de que Jack é um viciado em drogas. Ele é muito equilibrado, lúcido e saudável. Surpreende-me quando descreve coisas que fez quando estava chapado e que eu acreditava que ninguém mais tinha feito. Como bater em motoristas de táxi. Ele me conta isso na primeira vez que nos encontramos no Lenox Hill, quando ainda estou na paranoia

de estar sendo seguido por agentes disfarçados da **DEA**.^{*} Minha primeira reação é: *Como você sabia?* Ao que ele responde: *Como assim? Eu estava lá!* E depois de um instante entendo que ele estava lá quando *ele* havia feito aquilo, e não quando eu fizera.

A reunião termina e vamos tomar café. Falo sobre a fissura que tive uma hora antes, no apartamento de Dave. Ele me diz que se isso acontecer de novo — e *vai* acontecer — eu imediatamente devo chamá-lo ou a alguém que esteja sóbrio. Se a secretária eletrônica atender, devo deixar mensagens que descrevam o que está acontecendo, mesmo que seja para dizer que planejo obter drogas ou que estou prestes a beber. Basta deixar a mensagem e, uma vez feito isso, se puder, devo tentar imaginar cada passo do que virá a seguir. Pagar o traficante. Usar as drogas. Ficar chapado até o efeito passar e depois ligar ao fornecedor para pedir mais. E mais. Ficar sem dinheiro. Ficar paranoico. Não atender ao telefone quando amigos preocupados ligarem. O dia seguinte. O horror da manhã. A conta bancária vazia. A necessidade de conseguir mais. Tomar mais. E assim por diante.

Há algumas horas, no estúdio de Dave, eu não havia imaginado nada além de ficar alto. Apenas o barato. Agora que estamos sentados em um café lotado da Jane Street e falamos sobre aonde isso me levaria, sinto arrefecer a brasa antes quente do desejo. Enquanto conversamos, desejo poder ir para a casa de Jack. Morar com ele e seu namorado, pelo menos até que eu cumpra os noventa dias limpo, o que está a apenas um mês de acontecer. Noventa dias é um marco que muitas irmandades e organizações que lidam com o abuso de álcool e outras substâncias usam para estabelecer um ponto de partida para a sobriedade. Muitos sugerem o que eu

^{*} Drug Enforcement Administration, agência americana de combate às drogas. (N. T.)

ouvi Jack chamar algumas vezes de *noventa em noventa*, o que significa ir a noventa reuniões em noventa dias. Já que não estou trabalhando e tenho pouca coisa para fazer, Jack recomendou que eu vá a duas reuniões por dia. Pelo menos. As reuniões às vezes são um martírio. Tenho dificuldade para me concentrar, para não ficar pensando em como vou reorganizar a minha vida, as minhas finanças e quase todos os meus relacionamentos. Não consigo imaginar como vou aguentar duas reuniões por dia durante noventa dias. *Uma reunião por vez, um dia de cada vez*, Jack entoa quando falo sobre a minha preocupação, e isso cala a minha boca. Alcançar os noventa dias tornou-se o principal tema das nossas conversas e, embora eu não consiga me imaginar sentado em todas essas reuniões, ouvindo todos aqueles bêbados e viciados, embora eu não consiga imaginar um futuro ou como vou resolver a enorme confusão que é a minha vida, às vezes consigo enxergar além dos noventa dias. Jack chegou a sugerir que durante esses noventa dias devo resistir a retomar o contato com muitas pessoas na cidade, evitar me envolver muito na solução do meu desastre profissional e financeiro. O modo mais simples de chegar a noventa dias é tendo serenidade, e quando minha cabeça fervilha com tudo o que aconteceu e tudo o que pode acontecer, eu penso: *Noventa dias, noventa dias*. Até que se torne tudo que consigo ver, a única coisa diante de mim que precisa ser feita.

Quando converso com Jack, com frequência não sinto o pânico agora habitual de não ter dinheiro, emprego ou nenhuma ideia do que vou fazer da minha vida. Ele metaboliza o que considero obstáculos intransponíveis com frases simples como *Um dia de cada vez* e *Vá com calma*, que eu acho ao mesmo tempo vagas, paternalistas e reconfortantes. Ele me diz para ter fé e que tudo aconteceu exatamente como deveria ter acontecido, e que se eu ficar sóbrio tudo acabará bem, que antes de eu me dar conta esta-

rei ajudando outra pessoa a ficar e a permanecer sóbria. Ajudar alguém? *Impossível*, digo. Como eu poderia? Não tenho nada a oferecer. E fé? Não tenho nenhuma. Certamente não em mim mesmo nem em nenhum grande desígnio que torne aceitável o que aconteceu e o que fiz nos últimos meses e nos anos que os antecederam. Quando falo que não tenho muita fé, ele simplesmente diz: *Pegue a minha emprestada*.

Depois do café, Jack me leva a outra reunião da mesma organização, a poucas quadras de distância, no porão de uma igreja de tijolinhos linda e antiga. É a reunião, diz ele, em que se tornou sóbrio. Aquela que ele ainda frequenta. Enquanto atravessamos o pátio em direção à reunião, esbarramos em algumas pessoas que cumprimentam Jack com um aceno de cabeça, às vezes dando-lhe um abraço carinhoso e seguindo em frente. Ele sorri e acena para vários outros e, enquanto me conduz para a fila da frente, me sinto orgulhoso de estar com ele. Ocorre-me então, como já aconteceu antes, que eu mal o conheço. Não sei o nome de seu namorado, não conheço a maioria de seus amigos, nem sei onde ele mora, mas imagino-o como um super-herói sóbrio, uma espécie de Clark Kent de dia e superpadrinho à noite. Corro o olhar pela sala e vejo dezenas e dezenas de pessoas sentadas em cadeiras dobráveis — tomando café, conversando, esperando o início da reunião —, e ninguém parece tão atraente, confiante e amável como Jack. Sinto-me profundamente grato por ele ter entrado na minha vida. Desde Lenox Hill, nos falamos por telefone pelo menos uma vez por dia, e ele me ajudou a atravessar todo um universo de pânico. *Que milagre é esse cara*, penso, e enquanto faço isso ele me diz que preciso erguer a mão durante a reunião e contar para a sala inteira que acabei de sair da reabilitação e que este é o meu primeiro dia de volta à cidade.

Há mais de cinquenta pessoas na sala. No centro de reabilitação, havia apenas mais quatro pacientes, então as reuniões de grupo nunca eram tão grandes e nem de longe intimidadoras assim. Faço não com a cabeça e Jack se inclina para mim e diz: *Você não tem escolha. Temos um acordo: enquanto você seguir minhas recomendações, serei seu padrinho. Se você não seguir, não serei.* E assim, poucos minutos depois, quando o cara que dirige a reunião pergunta se há alguém na sala com menos de noventa dias, eu levanto a mão e faço o que devo fazer.

A reunião termina e muitas pessoas, principalmente homens e, além disso, gays, permanecem no pátio. Não demora, um grupo de rapazes — jovens, magros, com cabelos primorosos e vários deles, observo, usando cinto branco — se aproxima para dizer oi. Saúdam-me e perguntam se eu gostaria de jantar com eles. *Obrigado*, digo polidamente, *mas vou jantar com meu padrinho*. Porém, quando acabo de proferir a última palavra, ouço Jack atrás de mim dizendo: *Não, não vai*. Eu me viro para olhá-lo e vejo o rosto severo de um pai largando o filho num acampamento. Antes que eu possa dizer alguma coisa, ele me dá um abraço e me diz para deixar uma mensagem na secretaria eletrônica quando eu chegar em casa. Enquanto vejo Jack se afastar, penso em voltar disfarçadamente para a Charles Street, mas muitas pessoas estão se apresentando, entregando seus números de telefone rabiscados em pedacinhos de papel, então eu não consigo sumir sem ser notado.

Então vou ao jantar. O grupo é composto de pelo menos quinze sujeitos. Todos gays. A maioria jovem. Alguns bonitos. A maioria não. Todos falam alto. Enquanto caminhamos na direção do Chelsea, tento ficar para trás para não parecer que estou com eles, mas cada vez que faço isso alguém fica também, para conversar comigo. *Quanto tempo você tem?* é a pergunta costumeira, e eu

respondo: *59 dias*. Sinto vergonha de contar a minha história, então me refiro apenas a um período difícil. Eles parecem entender e não insistem.

Por fim, chegamos ao New Venus, no Chelsea, e os garçons juntam várias mesas na parte da frente do restaurante. Na briga do quem-senta-onde, acabo perto da ponta, junto da porta. Ao me acomodar, vejo um sujeito alto, pálido, de cabelo ruivo e camisa polo branca sentar-se à minha frente. Parece escocês, mas é exótico demais para um escocês. Talvez escandinavo, penso, mas depois me pergunto se existem escandinavos ruivos. Ele está em ótima forma, é muito pálido, cheio de sardas, e suas roupas parecem brilhar de tão limpas. *Oi, diz. Meu nome é Asa.*

Asa é alguns anos mais jovem do que eu, está fazendo pós-graduação de planejamento urbano e há três anos mantém-se longe do vício em heroína que acabou com suas economias e o obrigou a abandonar os estudos. Quando pergunto sobre o cabelo ruivo, ele me conta que é um mistério, ninguém na sua família tem, assim como ninguém na sua família é alcoólatra ou viciado. Foi criado no que descreve como uma família presbiteriana excêntrica de Baltimore, porém não vai mais à igreja, a menos que seja para uma reunião. Parece bem-educado e sério demais para estar junto a esse bando de garotos ex-frequentadores de clubes noturnos, mas não poderia parecer mais à vontade na companhia deles. Conto-lhe a minha história, ele escuta, assente com a cabeça e de vez em quando faz uma ou outra pergunta. Preocupa-me que pense que estou inventando a parte sobre a agência, Noah, a vida que eu levava antes e os dois meses em quartos de hotel que acabaram com ela. Ao mesmo tempo, não quero que pense que estou tentando impressioná-lo ou chocá-lo. Quero lhe dizer que nem sempre fui patético assim, quebrado assim, que demorou muito

para eu chegar a esse ponto e ninguém viu o que estava acontecendo. Ninguém exceto Noah. Quando me ouço dizer que costumava ir muito a Londres, percebo que *estou* tentando impressioná-lo e calo a boca.

O jantar termina e conversamos na esquina da rua 22 com a Oitava Avenida à medida que, um por um, os doces e ruidosos garotos em cuja companhia me envergonho de ser visto vão desaparecendo na noite. *Me liga*, diz a maioria, mas eu já joguei fora o número de telefone deles no banheiro do restaurante. Decidi que Asa é o único com quem posso me relacionar. Ele tem o mesmo tom cauteloso e calmo de Jack, mas é menos distante, mais suave. Fala de uma reunião que eu deveria conhecer. Todo mundo a chama de A Biblioteca porque acontece em uma espécie de biblioteca de pesquisa e, por coincidência, fica a poucos quarteirões do Número Um da Quinta Avenida, onde morei com Noah até dois meses atrás. Ele descreve as pessoas de lá como um misto de gays e héteros, educados e não, todos muito sérios em relação à sobriedade. Ele me passa o endereço — que anoto no pedaço de papel onde escrevi o endereço de Dave na Charles Street — e me diz para encontrá-lo lá amanhã, dez minutos antes da reunião do meio-dia e meia.

É tarde. Meia-noite ou mais. Caminhamos algumas quadras e me despeço de Asa na esquina da rua 17 com a Oitava Avenida. *Vejo você na reunião*, ele diz, e me lembra outra vez onde é e quando. *Com certeza*, digo, pateticamente grato por ter um lugar para ir no dia seguinte, alguém para encontrar. Dou-me conta de que, além disso e do jantar com minha amiga Jean no fim de semana, não tenho planos. Não há almoços, jantares, filmes, peças, concertos, conferências, viagens de negócios, reuniões matinais. Nada. Asa me dá um abraço e desce a rua 17. Eu o observo ir embora, obser-

vo sua camisa branca e seu cabelo vermelho balançar na escuridão até desaparecer.

Perco-me no caminho de volta ao estúdio de Dave na Charles Street. Não estou familiarizado com o West Village, embora tenha morado quatro quadras a leste daqui durante seis anos e alguns quarteirões ao norte durante três. As ruas se misturam e, depois de andar para lá e para cá, toda vez que acho que finalmente descobri onde estou, dou de cara com a Sétima Avenida outra vez. É como se eu estivesse sob um feitiço e fadado a acabar sempre ali, não importa o caminho que faça. Estou exausto e penso em chamar um táxi, mas também estou quebrado e envergonhado demais para uma viagem que pode ser de apenas uma quadra. Sinto como se tivesse 21 anos de novo e acabasse de me mudar de Connecticut para Nova York. Estou perdido, sem apartamento, sem emprego, sem família, sem companheiro. Ninguém me espera. Cada janela iluminada zomba com o brilho convencido de uma vida invejável. Através de cortinas pesadas e persianas com borlas, vislumbro salas bonitas que refletem com luzes e madeira polida, perfeitamente cheias de arte emoldurada, mas ainda não pendurada, e pilhas de livros. Casais correm para casa, inclinam-se um para o outro, sussurram histórias e trocam opiniões. *Será que eles sabem como são sortudos?*, penso enquanto passam em direção ao que imagino serem apartamentos e casas já pagos, sem hipotecas, sem aluguel. Observo-os e me pergunto o que Noah está fazendo. Meu peito aperta quando o imagino encerrando a noite com alguém, os dois voltando juntos para casa, como fizemos incontáveis vezes. Imagino-o contando pela primeira vez a história terrível de seu ex-namorado viciado para ouvidos atônicos e simpáticos.

Por fim, consigo voltar para a Charles Street. Todos os prédios têm a mesma aparência, então verifico o pedaço de papel mais

uma vez, para ter certeza de que estou no endereço certo. É quase uma da manhã e todas as luzes do edifício estão apagadas. Experimento a fechadura, giro a chave e, tão suavemente quanto posso, entro no vestíbulo. Tiro o sapato — com cuidado, em silêncio — e dou o primeiro passo na ponta dos pés. A madeira sob o tapete coxa como o mais barulhento dos sapos. Como subir a escada sem fazer barulho? Como voltar ao apartamento pequeno e seguro, iluminado por candelabro, sem acordar o prédio inteiro? Subo o segundo e o terceiro degrau e eles rangem ainda mais alto do que o primeiro. Tenho certeza de que a mulher do segundo andar já está ligando para Dave, contando que o vândalo hospedado no apartamento dele está destruindo a escada, acordando todo mundo. Quase posso ouvir Dave praguejando ao lado de Susie, jurando-lhe que esta foi a gota d'água, que ele não pode mais me ajudar e que eu terei de me instalar em outro canto enquanto tento reconstruir minha vida.

Avanço sem pressa. Paro e recomeço dezenas de vezes na escada, e descanso ainda mais tempo nos patamares do primeiro e do segundo andar. Estou quase no terceiro, quase no topo do último lance, quando um dos pés do sapato solta do meu pé e — *oh, Deus, não* — rola ruidosamente por todo aquele lance da escada. Quando por fim estala no patamar de baixo, congelo e espero ouvir passos, assoalhos rangendo, qualquer sinal de inquilinos subitamente despertados. Passam-se alguns minutos e, com a respiração presa, ponho o outro pé do sapato no topo da escada, para não deixá-lo cair. Desço aos poucos até o patamar. Meus passos rangem e arrotam durante todo o caminho e meu progresso — com numerosas paradas e arrancadas — é penosamente lento. Pego o sapato renegado e aperto, torço e sacudo a coisa com violência para puni-la por causar tantos problemas.

Viro para trás e olho para o lance estreito de escada que leva ao patamar do terceiro piso. Nada jamais pareceu tão longínquo. Penso em dormir exatamente onde estou. Não vou suportar outra prancha de madeira estrilando sob meus pés. Como fui acabar aqui? Sem teto, sem dinheiro, sozinho e congelado de pânico no segundo andar do edifício de outra pessoa? Como vou refazer minha vida? Fico imóvel.

Sacudindo a sonolência que está fechando meus olhos e fazendo meu corpo vergar contra a parede, tento ser otimista. O apartamento está a somente um lance de escada. Se eu for bem silencioso, ninguém vai me ouvir. Se for bem cuidadoso, ninguém vai ficar com raiva. O ar está úmido na escada do prédio e minha camisa encharcada de suor. Imagino todos os habitantes da cidade enfiados na cama. Pergunto-me novamente se Noah está sozinho ou com alguém. Penso nos 31 dias que ainda tenho para percorrer até chegar aos noventa e concluo, com um mau presságio, que é mais fácil contar os dias em enfermarias psiquiátricas e centros de reabilitação do que na cidade.

Adiante, o outro sapato está no topo da escada, exatamente onde o deixei. A centímetros da porta de Dave, a poucos passos do sofá-cama onde posso desmoronar e da pilha de cobertores embaixo da qual posso me esconder. Por fim, ando em direção ao último degrau. A madeira gêmea sob meus pés. Sinto coceira em minhas costas úmidas, mas não me atrevo a coçá-las. Ouço a descarga de um banheiro no piso superior e uma porta bater em algum lugar abaixo. Espero pelo que parece uma eternidade antes de dar o próximo passo. Há um longo caminho a percorrer.